



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14124 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT17 - Filosofia da Educação

PARA UMA ABORDAGEM ECOSÓFICA DOS PROBLEMAS AMBIENTAIS EM EDUCAÇÃO: O CASO DA SALA VERDE AMANAJÉ

Charleston Silva de Souza - Universidade Federal do Pará (UFPA) - EDUCANORTE - PGEDA

José Valdinei Albuquerque Miranda - UFPA - Universidade Federal do Pará

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

PARA UMA ABORDAGEM ECOSÓFICA DOS PROBLEMAS AMBIENTAIS EM EDUCAÇÃO: O CASO DA SALA VERDE AMANAJÉ

Resumo: Neste texto, buscamos analisar as experimentações pedagógicas do Projeto Sala Verde Amanajé com os recursos da Ecosofia guattariana. Para tanto, lançamos mão do método da cartografia, que visa mapear e traçar as linhas concernentes à abordagem pedagógica dos problemas ambientais em um determinado registro. O texto cartografa as interações no espaço da Sala Verde Amanajé (SVA) e seu potencial construtivo e formativo para subjetividades ecosóficas. A ecosofia mostra que os problemas ambientais em educação não podem ser apreciados meramente de uma perspectiva material. A ameaça à vida consiste na deterioração tanto dos ecossistemas físicos, quanto dos ecossistemas sociais, políticos e éticos. Por isso, a ameaça à vida assume uma dimensão ético-política, e nos impele a pensar e experimentar novos processos relacionais. É a abertura de possibilidades para uma nova referência ecosófica, que indique linhas de recomposição das práxis humanas nos mais variados registros.

Palavras-chave: Ecosofia, Educação, Sala Verde Amanajé

INTRODUÇÃO

“Não somente as espécies desaparecem, mas também as palavras, as frases, os gestos de solidariedade humana”. -

Félix Guattari¹

O fragmento acima, retirado do texto de “As três ecologias” de Félix Guattari, caracteriza o espírito e a questão que este texto busca abordar. Em linhas gerais, partimos da questão do comprometimento do ambiente natural de nossas sociedades. Com isto, pretendemos abranger os domínios dos ecossistemas naturais, das relações humanas e das formações subjetivas. Para tanto, o questionamento das visões de mundo dominantes e dos sistemas de valorização a ela atreladas constitui um elemento indispensável da investigação. Mais do que nunca, dizia Guattari (GUATTARI, 2012, p. 25), “a natureza não pode ser separada da cultura, e precisamos aprender a pensar ‘transversalmente’ as interações”.

Estas questões são pensadas e experimentadas na interseção entre educação e filosofia. Para ser mais preciso, abordamos as questões ambientais em um domínio específico da Amazônia, no Projeto Sala Verde Amanajé (SVA), na cidade de Capitão Poço – Pa. Esta realidade não pode ser vista como um conjunto de objetos isolados, mas como um conjunto de relações imanentes que se conectam e se transformam continuamente. Assim, trata-se da tentativa de colocar juntos o pensamento da imanência da filosofia com a realidade empírica imediatamente mais próxima de mim.

É a partir dessa compreensão da realidade imanente que podemos pensar e experimentar rotas de fuga da atual realidade denunciada através das três ecologias. Não recorremos a um princípio transcendental que nos mostra o caminho para a aplicação de modelos de sociedade menos injustas, mas partimos do pressuposto que somente no contexto das experimentações, nos caminhos que vão sendo construídos é que poderemos ou não alcançar nossos objetivos na luta contra o comprometimento do ambiente natural de nossas sociedades.

METODOLOGIA

Este trabalho segue as pistas do método da cartografia (POZZANA, L.; KASTRUP, V, 2015), e procura mapear os tipos de atividades que já ocorreram e estão ocorrendo na SVA, e sugerir maneiras de experimentação em educação com base nas ferramentas analíticas dos autores estudados. A instituição onde o estudo tem sido realizado é um dos Campus da Universidade Federal Rural da Amazônia – UFRA, localizada no município de Capitão Poço (PA), na região do alto rio Guamá.

Além de entrevistas, questionários online e presenciais, vídeos, fotografias, também procuramos mostrar como, por meio do acompanhamento cartográfico, não somente o objeto de estudo tem sido transformado e construído, mas também como a pesquisa em si vai se desenvolvendo ao modo do rizoma, sempre aberta a novos traçados, conexões e dobras.

Buscamos capturar as redes de forças e intensidades à qual estamos conectados, acompanhar as modulações e os movimentos incessantes, e como estes movimentos são resultados de forças que nos movem na direção do novo, de experiências educacionais muitas vezes inauditas.

Para usar a linguagem de “Mil platôs” (2011), acompanhar o processo de estratificação de um projeto de educação (SVA), que tem como ordem do dia pensar nos perigos que a manutenção dos sistemas de valores orientados pelas leis do mercado e a separação entre os domínios do homem e da natureza carregam, envolve cartografar a dinâmica em que os sistemas molares e moleculares se atualizam, ou melhor, como as ações educacionais da SVA podem assumir um *status* de educação menor em relação aos códigos referentes à educação molar, maior.

RESULTADOS PARCIAIS E DISCUSSÃO

Aqui, gostaríamos de destacar um dos elementos centrais da SVA: para a abordagem

educacional do tema da deterioração do meio ambiente, *latu sensu*, tem sido adotado temas como a agroecologia, o trabalho com os resíduos sólidos, as questões climáticas. Estes temas são trabalhados de tal maneira a mostrar que muitas coisas que somos acostumados a utilizar no nosso dia a dia, conferindo-lhes uma necessidade imprescindível, não precisariam assumir esse *status* de indispensabilidade. A agroecologia é um grande exemplo, e faz ver como podemos reutilizar materiais de nossa própria residência para a construção de uma horta orgânica com ervas para chás, temperos, etc., e contribuir para uma alimentação mais saudável e de qualidade, menos dependente dos produtos processados e ultraprocessados.



Figura 1: Horta medicinal.

Fonte: Equipe Sala Verde Amanajé (2022).

Esta independência fortalece a noção de liberdade, uma ideia central das experimentações educacionais da SVA. Quando seus participantes abordam o tema da reutilização de material reciclado, produção de hortas domésticas, produção de artesanato, construção de espaço para vermicompostagem, compreensão das estruturas de poder normatizadoras, patriarcado e assim por diante, buscam aproximar as áreas da educação com a dos direitos fundamentais dos seres vivos, da saúde pública, de tal forma a mostrar que esses temas estão inseridos em uma problemática mais ampla que é a da relação da subjetividade com sua exterioridade.

Libertar-se quer dizer estimular e desenvolver experiências através das fissuras e linhas de fuga dadas pelo contexto de luta pelo direito a uma alimentação saudável, acesso à água potável, a um meio ambiente despoluído, à relações sociais mais igualitárias.

Abaixo, podemos ver os resultados obtidos através da reutilização de material reciclado para a produção de uma horta com plantas medicinais no espaço da SVA.



Figura 2: plantas ornamentais em material reaproveitado.

Fonte: Equipe SVA, 2022.

De fato, a reciclagem é um processo importante que busca minimizar o impacto ambiental dos resíduos produzidos pela sociedade. Ela consiste, basicamente, em coletar materiais descartados, como plásticos, papel e metal, e transformá-los em novos produtos. A reciclagem é uma forma de reutilizar materiais que, de outra forma, poderiam ser desperdiçados, poluindo o meio ambiente e contribuindo para a escassez de recursos naturais.

Ela também tem sido vista como uma forma de liberdade em relação aos padrões de consumo da ordem capitalista: quando compramos um produto, muitas vezes não percebemos que estamos presos a ele de várias maneiras. Primeiro, estamos presos a uma lógica de consumo que nos diz que precisamos comprar coisas novas constantemente para sermos felizes ou bem-sucedidos. Em segundo lugar, estamos presos a uma cadeia de produção e consumo que muitas vezes é insustentável e poluente. E, finalmente, estamos presos a uma lógica de desperdício e descarte, que nos impede de pensar em alternativas mais sustentáveis e duradouras.

A reciclagem é uma forma de nos libertarmos dessas prisões. Ao reciclar, estamos dizendo não ao consumo desenfreado, à produção insustentável e ao desperdício. Estamos dizendo sim à reutilização, à durabilidade e à sustentabilidade. Estamos nos tornando mais conscientes do impacto que nossas escolhas de consumo têm sobre o meio ambiente e sobre as gerações futuras.

Quando a SVA promove essas experiências, é como se estivesse borrando as fronteiras dos estilos de vida padronizados. Ao estimular o consumo de produtos fora da cadeia de produção global, além de ajudar na vida do planeta, também cria novos laços sociais, por exemplo, entre um consumidor mais consciente e um agricultor ligado a sistemas de produção não serializados, como o “agrofloresteiro”, o artesanato, etc. Ao lado disso, tende a formar cidadãos mais conscientes do impacto que suas escolhas, escolhas que também dizem respeito ao meio ambiente e à sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até agora, a SVA se mostrou como um importante momento de experimentação educacional na região, tanto por difundir os conhecimentos elaborados e trabalhados no espaço à qual está inserida, na UFRA/ Capitão Poço, por meio de visitas guiadas de escolas, como por possibilitar que conhecimentos extra-acadêmicos também possam ser manejados e coadunados com os conhecimentos e espaços universitários, criando uma espécie de rizoma entre os saberes.

Este trabalho tem possibilitado pensar e desenvolver estratégias educacionais que levem em conta a imanência da vida, que os perigos que a circunscrevem não podem ser resolvidos apenas de uma perspectiva técnico-científica, mas também ético-moral, uma questão da relacionalidade entre as subjetividades e a exterioridade.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 1. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas: Papyrus, 2012.

POZZANA, L.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 52-75.

[i](#) GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas: Papyrus, 2012.